



Moisés de Lemos Martins & Manuel Pinto (Orgs.) (2008)
Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação
6 - 8 Setembro 2007, Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho)
ISBN 978-989-95500-1-8

A Web 2.0 e a Meta-Memória

ALBERTO SÁ

Universidade do Minho ~ albertosa@ics.uminho.pt



Resumo:

O tema da memória colectiva, que toca de maneira essencial a questão do princípio de coesão social, assume um papel singular no contexto heterogéneo das sociedades contemporâneas, muito devido à sua função pública. Contudo, alguns autores defendem que o carácter social da memória assenta num diálogo individual permanente, pelo que a relação entre memória pública e colectiva e a memória individual assume uma problemática clássica.

O advento da “segunda vaga” da *Web*, padronizada pelo chavão “2.0”, representa um marco da era do acesso livre, uma época em que uma plêiade de novos sistemas e ferramentas digitais se colocam ao alcance dos utilizadores de *Internet* para que estes sintam o poder da criação e da participação online. A implementação de serviços em ambiente *Web* visa facilitar a participação dos utilizadores, recolhendo ensinamentos da participação colectiva, mas, no global, reforçando o papel do individuo enquanto actor social, projectando-o para uma dimensão à escala global, com o seu espaço próprio, implícito no efeito de “longa cauda”, e representado na dispersão da “folksonomy”.

Deste modo, o presente trabalho pretende questionar a influência das redes electrónicas, impulsionadas pela *Web 2.0*, para a transformação das memórias individuais e colectivas, ou mesmo a recombinação de ambas em meta-memória.

Palavras-chave:

Web 2.0; memória colectiva; memória individual; memória prótese; meta-memória,

A faculdade para recordar conscientemente experiências ocorridas é uma virtude fundamental para o bem-estar pessoal e social, já todos o sabemos. A memória é uma importante faculdade cognitiva porque forma a base para o conhecimento e para o pensamento. O sentimento do que somos manifesta-se pela personalidade e pela identidade, e encontra-se alicerçado nas recordações de longa-duração dos acontecimentos, das experiências e das emoções vividas, no individual ou em colectivo, em proximidade ou à distância. Sem “memória”, a noção de passado e de futuro fica seriamente comprometida, acusando a ausência desse fluído memorial que confere homogeneidade e continuidade aos acontecimentos. O quadro mental das representações do passado não permanece estável, antes evolui pela sujeição do passado ao crivo de sucessivas reinterpretações com o decorrer do tempo, sob o impulso dos anseios que continuamente vão moldando os projectos de vida pessoais.

Nesse sentido, tem merecido justificado interesse o modo como as tecnologias digitais estão a afectar a natureza dos nossos processos de recordação. Crescentemente, no último século, os

padrões culturais de comunicação tornaram-se tecnologicamente mediados, muitas vezes fundindo velhas práticas com novas convenções: a televisão, o telefone, as máquinas fotográficas e de vídeo, a escrita de cartas e a versão actual do *e-mail*, *sms's* e *posts*. Cabe perguntar, desta forma, sobre o papel dos meios digitais para a captura tanto da memória individual como da colectiva. E mais ainda, até que ponto os materiais da presença e da reflexão subjectiva na *Web* são transferidos para uma memória pública e social, configurando uma representação meta-memorial.

1. A ambivalência da memória

No século XX, o devir das civilizações viria a marcar indelevelmente o modo e tipo de atenção sobre os estudos da memória. Nas sociedades ocidentais, o progresso assente na rápida industrialização, na concentração urbanística e na modernização dos hábitos quotidianos fragilizaram os meios tradicionais – Escola, Igreja, Família e Estado – da função de conservação e de transmissão dos valores de recordação colectiva. O declínio da tradição oral acompanhou a desconexão entre as pessoas e as suas raízes ancestrais, instaurando uma “crise da memória”, reflexo de um quadro cultural e político modernista de início do século que repulsava o baú das recordações da memória colectiva e se interessava apenas pelo futuro, pela inovação e pela originalidade.

À medida que a memória tradicional enfraquecia, sentiu-se a necessidade de recolher assiduamente os sinais, os testemunhos, os documentos, as imagens, os discursos, algum sinal visível daquilo que já foi (Nora, 1989: 13). A este profundo sentimento de perda, de ansiedade e de insegurança entre a relação cultural e o passado, viria, antagonicamente, e por meio de um complexo mecanismo de transferência, a despoletar o fascínio nos *lieux de mémoire* (Nora, 1997) – lugares onde a memória se cristaliza e a herança se consolida sob a forma de arquivos, de bibliotecas, de estatuária e da genealogia, das exposições e da museomania, bem como, ainda, pela profusão das comemorações e celebrações públicas.

Na segunda metade do século XX, um conjunto de alterações de ordem política, tecnológica, interpessoal e cultural afectariam o modo de recordação e de esquecimento nas pessoas e nas sociedades. O reflexo dessas alterações nas sociedades e nos indivíduos, quanto ao modo de leitura do passado, viria a configurar um autêntico *boom da memória*. Com efeito, esse período promoveu a denominada “indústria da herança” em face do uso instrumentalizado (comercial ou estatal) das representações e das actividades invocadas na memorialização, na preservação ou na reactivação do passado. Como enfatiza Jay Winter, alguns factores multifacetados e ecléticos contribuíram para este afã “atractivo pela memória”, de entre as quais destacaremos de modo necessariamente breve (Winter, 2000):

- a criação, disseminação ou modificação de narrativas e de atitudes sobre o passado como modelo de afirmação da política contemporânea: na América Latina (as histórias da exploração colonial e da repressão ditatorial reforçam o sentimento identitário); na África do Sul (libertação da memória amordaçada); o derrube do Bloco de Leste e a fusão das Alemanhas trouxeram à luz um vasto espólio documental atestando o sigilo forçado de sucessivas gerações; as vozes chinesas contra a repressão da Revolução Cultural e da Praça Tiananmen (Misztal, 2003: 12);
- as modalidades comemorativas do pós-guerra foram disseminadas com beneplácito estatal, e aproveitadas pelas facções políticas nacionalistas para a promoção de uma memória nacional massificada (o caso particular do *Shoah*, as alusões a datas especiais, como o “Dia D”, o “Ataque a Pearl Harbour”, o deflagrar das bombas atómicas, a libertação de Auschwitz, e, mais recentemente, os “11” de Setembro e o de Março);

- o reconhecimento da importância do transtorno de *stress* pós-traumático, que, pese embora tardiamente incluído nos diagnósticos dos clínicos de saúde, sempre teve uma forte implicação na percepção pública de memória, no século XX, manifestada na literatura, na filmografia, na música¹;
- o papel do audiovisual, desde as décadas de 70 e 80, e muito especialmente os desenvolvimentos mais recentes nas tecnologias da informação e da comunicação vieram dar voz às vítimas e aos oprimidos, tornando acessíveis à plateia global os seus percursos de vida e as memórias do sofrimento;
- a configuração de um público sensível e receptivo ao consumo de produtos culturais diversificados, uma tendência sobretudo observável após a década de 60 na Europa ocidental e nos EUA, e que acompanhou a expansão dos sectores económicos do comércio e dos serviços; a generalização da apetência para as questões da “herança” e do “património”, elementos motrizes para a geração de indústrias culturais, dinamizando um mercado da memória sob a forma de filmes, livros, viagens, exposições e museus; também o passado pôde ser recreado na forma de entretenimento popular, materializado na edificação de vários parques temáticos que tentam promover experiências sensoriais dos tempos distantes.

Em jeito de resumo, são de reter os imperativos da política nacional e o crescimento das políticas de identidade, dinamizados pelo progressivo interesse de uma plateia pública sobre os artefactos e lugares da memória. A História da memória revela alterações na tutela da recordação, desde as autoridades religiosas, passando pelo Estado e até aos media.

O estudo sistemático do tema da memória aponta para a valência interdisciplinar, no sentido em que existem múltiplos aspectos que importam valorizar, como perceptível, e que vão desde as práticas e as tecnologias de suporte até à mediação e à relação com o consumismo. Daí resulta evidente que a abordagem científica é extremamente difícil de conciliar tanto a nível conceptual como epistemológico. Precisamente porque a tarefa de discernir entre os âmbitos do individual, do social e do psicológico é extremamente nebulosa, será na elucidação de pontos de contactos entre diferentes (sub) disciplinas que se encontra um espaço comum de contribuição.

Contudo, não é nosso propósito enveredar pelo caminho da análise da diversidade e das aproximações que cada campo científico representa, tarefa a que bastantes trabalhos já se dedicaram e com maior propriedade². A nossa perspectiva é a de adensar um pouco mais o entrelaçado de análise, pela incorporação das novas temáticas resultantes da crescente tecnologia informativa da sociedade, que directamente afectam o tema maior da memória.

2. Tecnologias materiais

Em finais do século passado, algumas condições concorreram para configurar um novo paradigma que fez da Informação a matéria-prima sobre a qual incidiriam as tecnologias (Castells, 2002). Estes factores são causa e efeito de um fenómeno mais abrangente da transformação da

¹ É exaustiva a produção artística que constituiu um importante vector na disseminação das noções de memória traumática, mas a título meramente ilustrativo salientam-se o testemunho autobiográfico nas obras de Primo Lévi, os filmes “The Deer Hunter” (Michael Cimino, 1978), “Apocalypse Now” (Francis Ford Coppola, 1979), “Born on the Fourth of July” (Oliver Stone, 1989), o álbum musical “The Final Cut” (Pink Floyd, 1983) e muito especialmente a geração de músicos americanos de 60/70, como “Talkin’ John Birch Paranoid Blues” (Bob Dylan, 1963), “The Unknown Soldier” (The Doors, 1968), entre muitos outros.

² De salientar a extensa mas detalhada lista de recursos bibliográficos interdisciplinares sobre o estudo da memória, coligida por John Sutton, um académico australiano da área da Filosofia que tem dedicado trabalhos ao tema, em: “Memory in Science: Index & Bibliography”, [<http://www.phil.mq.edu.au/staff/jsutton/Memory.html>]. Também a este propósito se recomenda a consulta dos 65 capítulos de *Science of memory: concepts*, editado por Roediger *et al.*, 2007, cobrindo praticamente todos os campos da investigação acerca da memória e em busca da unificação disciplinar. Ainda pertinente, a súpula de contributos de distintas áreas em *Theories of Memory: a reader*, editado por Rossington & Whitehead, 2007.

nossa cultura material.

O mundo da economia e da gestão, espaço da integração por excelência da tecnologia, foi sensível ao potencial de adesão tecnológica do mercado doméstico e fez reposicionar o eixo de importância do computador em consonância, retirando-o da exclusividade da esfera empresarial.

A generalização dos dispositivos tecnológicos seria impensável sem a redução do esforço financeiro para aquisição destes equipamentos, e que em muito deve aos avanços da nanotecnologia para a redução dos custos de produção e para a consequente massificação da oferta. Mas mesmo as condições económicas propícias seriam insuficientemente atractivas ao consumidor sem a adopção de sistemas operativos amigáveis, de utilidade e facilidade de uso percebidas, com recurso aos interfaces gráficos (Venkatesh *et al.*, 2003).

O fenómeno globalizante das Redes e o continuado aumento da largura de banda concorrerem para reconfigurar o protagonismo do computador, como já referido: não como fim em si mesmo (tipo estação de produção, como ocorrera nas décadas anteriores), mas antes, como mediador para aceder às aplicações do ciberespaço, assente em premissas de utilidade e de aplicabilidade. Tanto o fenómeno das *killer applications* como a plethora de serviços que caracterizam a *Web 2.0* são disso corolário, na medida em que tudo passou a estar mais baseado na *Web*, como se de um verdadeiro sistema operativo se tratasse, e menos no disco-duro local (existem, inclusive, ofertas para o arquivo da informação em rede, depositada em servidores remotos, o que liberta de movimentos e faz aumentar o índice de colaboração e de partilha no trabalho, mas que reduz a dimensão intimista da expressão “personal” computer - PC).

Progressivamente, todos os processos da vida e da cultura humana têm vindo a estar directamente moldados, embora não determinados, pelo novo meio tecnológico, fortemente influenciado pelo advento da *Internet*. A proliferação de dispositivos móveis com conexão à Rede sem fios (computadores portáteis, PDA's, telemóveis de última geração, consolas de jogos) permitiu que as ferramentas informáticas extravasassem a actuação desde o âmbito privado para o espaço público, alargando horizontes. Sendo a Informação um elemento natural da actividade humana, verificou-se a imersão das novas tecnologias em todos os processos da existência individual e colectiva, embora tendo sempre presente as limitações impostas pelo *digital divide* (Hargittai, 2002).

3. *Web 2.0*: práticas sócio-culturais mediadas

No seguimento de exposto, o advento da “segunda vaga” da *Web*, padronizada pelo chavão “2.0”, representou um marco da era do acesso livre, e que se caracteriza por uma plêiade de novos sistemas e de ferramentas digitais colocados ao alcance, na *Internet*. Esta implementação de “novos” serviços em ambiente *Web* facilitou a participação dos utilizadores de modo a que pudessem sentir o poder da criação e de recolher os proveitos da participação colectiva³.

Nos últimos anos, um conjunto de projectos e de serviços *Web* ganharam uma dimensão especialmente conectiva, denominada de “software social”, que promove e dinamiza a interacção grupal através do contacto e da colaboração entre utilizadores em tarefas de trabalho ou lazer. Existem diversas variações de *software* social, que ora valorizam mais a comunicação, ora a colaboração e/ou a interacção social. Em comum têm o facto de serem sediadas na *Web* (*web-based*), isto é, asseguram no lado dos servidores as tarefas de processamento desses serviços,

³ O “novo” é aqui usado apenas por uma questão de conveniência, para distinguir uma primeira fase da *Internet* considerada mais “estática”. Na verdade, para o mentor da *World Wide Web*, Tim Berners-Lee, a *Web 2.0* não é mais do que a reaplicação dos conceitos e princípios delineados em finais dos anos 80, na origem daquele projecto no CERN, e que apenas as limitações tecnológicas da época adiariam a entrada em cena (Berners-Lee, 1999). Também o conceito de “software social”, tão caro a esta “segunda vaga”, inspira-se nos trabalhos dos anos 60 de JCR Licklider sobre a utilidade das redes de computadores para conectar pessoas.

servindo-se da *Web* como plataforma operativa, e confinando o computador pessoal apenas como veículo de acesso (O'Reilly, 2005; Anderson, 2007)⁴.

O que estas ferramentas promoveram foi o baixar do nível das aptidões técnicas para aceder aos benefícios das tecnologias informáticas. Em “dois tempos”, um utilizador consegue colocar na Rede um vídeo ou uma foto, anotar familiarmente o conteúdo que se presta a disponibilizar (*folksonomy*), dá-lo a conhecer de imediato à comunidade de relacionamento e, assim, torná-lo universalmente acessível e gratuito. Literalmente, milhões de pessoas participam na partilha e troca destas formas de media, produzindo os seus próprios *podcasts*, *videocasts* e *photoblogs*. Em simultâneo, outros utilizadores escrevem nos seus blogues e colaboram em conjunto para editar conteúdos “informativos”, com maior ou menor autoridade científica, através do uso dos *wikis*⁵.

Pelo exposto, a *Web 2.0* fez aumentar as dimensões de comunicação e de audiência, mas, também, o apelo à subjectividade e ao afecto. Para o nosso propósito, importa realçar que o tradicional baú das recordações assumiu a forma de objectos digitais, num aparato de múltiplas dimensões: áudio, vídeo, fotos e texto. Aparentemente, as tecnologias digitais alteraram o modo como enquadrámos o nosso passado em novos modos sensoriais, afectando tanto as convenções de recordação como as de comunicação. Nestes moldes, o arquivo pessoal ganha vantagem em função do acesso, da visibilidade e do alcance.

Não deixa de ser interessante analisar se esta viragem para o digital é o resultado da pressão técnico-comercial, ou antes, se o desejo de uma articulação mais criativa com o espólio memorial pessoal. Cada qual atribui importância própria à dimensão aquivística, seja nas iniciativas para preservar digitalmente todo o espólio documental (fotos amareladas pelo tempo, os diários da juventude, as cassetes em VHS, entre outros) sejam em práticas do quotidiano (por exemplo, manter as mensagens por SMS mais significativas; incorporar a função de arquivo nos blogues de texto, de imagem ou de som; preservar as mensagens de correio electrónico, algo a que o *GMail*, o e-mail da *Google*, se propôs com grande eficácia, atribuindo uma quota de espaço para que “nunca tenhamos que apagar outra mensagem”, como se pode ler na página de acesso ao serviço).

Embora a presença destes meios tecnológicos não seja apenas por si só determinante, contudo, influenciam a preferência pela preservação da memória num dado formato/suporte, ou na combinação entre eles. É decorrente deste princípio que a proliferação do uso dos telemóveis potencializou, a um nível sem precedentes, a imediaticidade e a disseminação de fotos ou vídeos capturados *in loco* e *in situ*. Algo que vem configurando uma nova prática cultural, a do cidadão-jornalista, à qual a imprensa e os media em geral vêm aceitando o desafio de integrar na produção jornalística os artigos enviados pelos leitores. Independentemente de tal poder ser visto como uma forma salutar de participação activa ou uma mera campanha de *marketing*, resulta inegável que o registo da História tem novos e importantes olhares – de todos para todos – , sem passar pelo crivo das narrativas oficiais. O armazenamento sem limite das recordações, formentado pelas novas tecnologias da *ars memoriae*, talvez corresponda a uma ainda pouco perceptível afirmação de novos ritos e de novas formas de socializar e vivenciar memórias (Catroga, 2001: 34).

⁴ Como ferramentas de comunicação, a título meramente exemplificativo, de referir: blogues, *podcasting*, *videocasting*; como ferramentas de colaboração: *wikis* e aplicações de partilha multimédia (como o *YouTube*, o *FlickrR*, o *BitTorrent*, entre muitos outros exemplos); enquanto serviços de rede social: *MySpace*, *Orkut* ou o *Hi5*, serviços de anotação (*tagging*) e de sindicância de conteúdos (RSS). Novas práticas de contacto social desenvolveram-se sob a forma de *blogrolling*, *trackback*, intensiva “hiperlinkagem” e linhas de discussão enleadas em conteúdos e não em páginas html.

⁵ Em *The cult of the amateur*, A. Keen discorre sobre os malefícios do “amadorismo” na opinião pública e no atentado à propriedade intelectual que constitui o plágio e a pirataria. Argumenta, ainda, que o anonimato e a massificação da opinião enfraquecem as instituições tradicionais que, segundo critérios editoriais e profissionais, conferiam confiança à informação (Keen, 2007). Precisamente no sentido inverso, J. Surowiecki havia argumentado que, em certas circunstâncias, mesmo o menos dotado dos elementos de um grupo pode alcançar decisões sábias quando a fez confrontar com a sabedoria da multidão (Surowiecki, 2004).

4. Construções mentais

Importa analisar o modo como as plataformas tecnológicas em progressão, com as suas fragilidades, põem a nú questões clássicas sobre a “memória”, fazendo ressoar toda a proliferação conceptual e forçando a uma releitura dos problemas tradicionais.

As modalidades de digitalização têm promovido uma reinvenção dos antigos rituais. A disseminação da memória pessoal é, crescentemente, uma tarefa cada vez mais *online* através do uso em simultâneo de múltiplos formatos para apresentar informação, como o texto, o gráfico, a animação, as imagens estáticas, os vídeos e o som. As tecnologias da memória, apesar de poderem incluir memórias, recordações ou outro tipo de objectos, são progressivamente tecnologias visuais de formas mediatizadas e massificadas – fotografias, filmes, espectáculos televisivos e imagens digitais. É a exteriorização da memória que permite a transmissão memorial, que corresponde à vontade de deixar traços com o objectivo de partilhar os símbolos transmitidos, sendo as gravuras de Lascaux e as do Vale do Côa formas pioneiras de expressão de uma preocupação humana: deixar traços, simbolizar, “fazer memória”, seja na forma explícita (objectos) ou mais abstracta (Candau, 1998: 99).

A vertente social das aplicações da *Web 2.0* têm ajudado a modelar os sentimentos e a identidade pessoais através de conexões afectivas. Uma das principais funções tem sido a de sincronizar a experiência subjectiva com a dos outros, a confrontação dos juízos de valor com os do mundo exterior. As práticas culturais dos blogues, a participação com comentários em fóruns ou outros “locais” de discussão pública como os sítios de natureza noticiosa, o depósito de vídeos pessoais no *YouTube* e similares, a afixação de fotos de natureza pessoal e familiar em fotoblogues, a rotulagem de metadados em vocabulário informal/familiar utilizado em comunidades (*social* ou *collaborative tagging* e *folksonomies*), a criação de redes sociais de amizade através de serviços que promovem e dinamizam a interacção grupal (*Hi5, MySpace, FaceBook, Okut, Messenger MSN, GoogleTalk*, etc.), reflectem, no conjunto, a necessidade de sincronizar a experiência pessoal com o desejo de fixar experiências e de as poder visitar ao longo do tempo.

A participação *online* tornou-se uma experiência de vida real, uma construção do ser que é mediada pelas ferramentas informáticas para reflexão e comunicação, do qual o *Second Life*, enquanto metaverso, um universo dentro do universo, é o máximo expoente.

No global, o papel do indivíduo ganha força enquanto agente social, ciente do espaço que lhe é próprio mas com projecção a uma escala maior, implícita no efeito de “longa cauda”, em que o ritmo das minorias, leia-se, do individualismo e do nicho, não é obscurecido pelo monopólio dos grandes (Anderson, 2006). A particularidade e a sofisticação têm, deste modo, representatividade, graças à dinâmica de poderosas bases de dados que rastreiam especificidades no entrelaçado das ligações virtuais, no que a *Amazon* soube converter em negócio proveitoso (Battelle, 2006: 200).

A *World Wide Web* abriu espaço a novas práticas culturais preenchendo uma necessidade social de conexão de si aos vastos conteúdos da comunidade, da sociedade e da História. A indexação dos registos electrónicos permite o mapeamento de um indivíduo no universo cibernético na medida em que, crescentemente, as actividades humanas se processam através da e na Rede. O “existir” na imensidão da Rede implica a faculdade de ser encontrado, de emergir do anonimato e da obscuridade, expondo o indivíduo perante uma lógica de classificação e de relevância processada pelos algoritmos de busca (o *pagerank*, no caso do *Google*). Quando vai de encontro ao interesse pessoal, pertencer ao index da *Web* deixa de ter o estigma inquisidor a que historicamente o termo se associa. Mas, inversamente, também não faltam relatos de conflito contra a disseminação viral de registos indesejáveis de uma pessoa, traços que se manifestam para lá da intenção e da proximidade. Pertinente é saber até que ponto um indivíduo pode eliminar os vestígios da sua presença no ciberespaço.

No global, é notório que as ferramentas digitais engendram novos tipos de memória. Ao invés de serem máquinas auto-confinadas ao registo, armazenamento e acesso automáticos – reminiscências de uma fase prévia à nova vaga da *Web*, como descrito anteriormente –, os computadores ganharam uma nova dimensão enquanto tecnologias de si, com surpreendente criatividade e potencial afectivo. O que conduz ao ponto seguinte.

5. Memória prótese e meta-memória

Pelo exposto, novas e importantes cogitações se formam em torno da crescente exteriorização da memória individual para formatos digitais. Estes procedimentos acabam por ser utilizados como auxiliares de memória e reflectem as técnicas do nosso tempo – ao invés da *ars memoriae* da Grécia Clássica, actualmente depositamos confiança nos dispositivos externos que constituem a parafernália de serviços de cariz *Web 2.0*. São ferramentas de registo e de actualização do passado que, simultaneamente, orientam a memória futura e a identidade - literal e metaforicamente, agem como amplificadores dos afectos, enquanto aumentam dramaticamente a rapidez de comunicação e a audiência.

Como descrito, os materiais de presença e de reflexão subjectiva na *Web* incentivam à partilha pública de sentimentos e de emoções – deste modo, a subjectividade afectiva da memória é transferida da memória autobiográfica para uma memória que é pública, porque exposta e partilhada, e que é social, porque conecta reflexões privadas aos recursos públicos inscritos nos quadros colectivos da experiência comum. Esta transmissão de recordações pode reforçar o sentimento de pertença a um grupo e a uma cultura, formas de representação que Halbwachs designou de “memória colectiva” (Halbwachs, 1997 [1950]), e que Assmann lhe atribui um carácter mais abrangente enquanto “memória cultural” (Assmann & Czaplicka, 1995)⁶.

Inevitavelmente, o aparato multimédia promoverá uma transformação nos processos de recordação. O computador em rede é um agente performativo no acto de recordar. As ferramentas digitais podem ajudar a reconceptualizar a memória como um processo esboçado no tempo – um processo continuamente propenso aos caprichos da reinterpretação e da reordenação. As redes electrónicas, impulsionadas pela *Web 2.0*, influenciam a transformação das memórias individuais e colectivas, ou mesmo a recombinação de ambas. Por isso mesmo, deveremos olhar para estas ferramentas como instrumentos criativos de reminiscência e como auxiliares mnemónicos.

A multiplicação das memórias mecânicas⁷, experienciadas e produzidas através de tecnologias, quando adicionadas à vida formam uma nova consciência. Este tipo de memórias mediatizadas circulam na cultura de massas e podem ser adquiridas pelas pessoas sem experiência vivenciada, constituindo uma memória de experiências que não foram vividas pela pessoa. São, portanto, memórias prótese, circulando publicamente, que apesar de não terem uma base orgânica, foram, contudo, experienciadas pela pessoa em resultado do envolvimento com um vasto leque de tecnologias culturais, no caso concreto, pela *Internet*. Deste modo, as memórias prótese tornaram-se parte integrante do arquivo de experiências pessoais, informando a subjectividade de cada bem como

⁶ No entanto, como Halbwachs já havia observado, nenhuma experiência colectiva – e certamente nenhuma com esta magnitude – poderá alguma vez ser representada numa memória colectiva singular. A inclusão nos nossos sítios de memória pública de muitos testemunhos individuais, cada qual apresentando um prisma singular da interpretação dos fenómenos históricos, nunca formando uma visão global colectiva de um qualquer tema.

⁷ Ainda que sem a dimensão dinâmica e conectora que os estudos da actualidade atribuem à memória, deve salientar-se o trabalho visionário de Vannevar Bush que, em 1945, idealizou um sistema – MEMEX – que consistia num “aparelho com o qual um indivíduo guardaria todos os seus livros, registos, comunicações, numa forma mecânica, pelo que tudo poderia ser consultado com extrema rapidez e flexibilidade” (Bush, 1945). A conversão para a actualidade do referido projecto foi encetada pela *Microsoft*, com a iniciativa *MyLifeBits*.

o modo de relacionamento com o presente e o futuro. Tornada possível por uma cultura de massas capaz de uma extensa disseminação de imagens e de narrativas acerca do passado, estas memórias podem não ser “naturais” ou “autênticas” mas no entanto organizam e vitalizam os corpos e as subjectividades que as adoptam (Robin, 2003; Landsberg, 2004). Nesta dimensão, as formas de memória que ultrapassam as fronteiras étnicas e políticas e que são potencializadas pelas alterações tecnológicas dos meios de comunicação na era da globalização podem também ser designadas por “memórias cosmopolitas” (Levy & Sznajder, 2002).

No quotidiano, recorremos regularmente a múltiplas recordações, recentes ou antigas, com maior ou menor grau de segurança e de certeza. Joël Candau chamou a atenção para a existência de uma taxonomia das diferentes manifestações da memória. De entre estas, destacamos particularmente a meta-memória, que é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz da sua própria memória, do conhecimento que tem e, por outro lado, daquilo que diz, sendo capaz de lhe sublinhar as particularidades, o interesse, a profundidade e as lacunas (Candau, 1998, p. 11-15)⁸.

As ferramentas digitais ajudam a saborear as memórias de uma personalidade em modificação, enquanto também transformam as noções de como somos constituídos. Neste sentido, pela meta-memória cada indivíduo idealiza a sua própria memória, por meio de um processo subjectivo de tomada de consciência e de consciência de si, de filiação no seu passado e de construção da sua identidade, em distinção com a dos outros. Mesmo no decurso da aprendizagem, a um indivíduo ocorre, muitas vezes, ajuizar sobre o nível do que aprendeu e sobre aquilo que terá propensão para esquecer.

O potencial inovador da máquina de memória digital fornece o acesso fácil e imediato ao percurso dos traços de cada um, vestígios que um utilizador foi deixando voluntariamente ou não, levado pela irreversível viragem para o modo de vida digital das sociedades. Como sugere Catroga, não há representação memorial sem traços, e que ela nunca se desenvolverá no interior dos sujeitos sem suportes materiais, sociais e simbólicos de memórias. Como se verifica, se a memória é instância construtora e solidificadora de identidades, a sua expressão colectiva também actua como instrumento e objecto de poder, sobretudo quando actua como meta-memória (Catroga, 2001: 23-24).

6. Conclusão

Os meios digitais têm a faculdade de alterar a percepção e a rememoração da experiência, influenciando o processo memorial do cérebro. J. van Dijck refere que os pacientes que sofrem de demência e de Alzheimer têm sido encorajados, como terapia, a tentar reter um sentimento de si através dos blogues, utilizando os novos meios como forma de auto-expressão e de partilha das suas experiências com outros, através da conectividade subjacente à *Internet* (Dijck, 2007: 58-62).

Como a memória está sempre implícita no acto e na tecnologia de escrita, alguns serviços agora disponibilizados pela *Web 2.0* permitem fixar o consciente íntimo de si no mundo exterior, ao mesmo tempo que contituem sinais de um passado próprio. Constituem, assim, instrumentos recíprocos de formação, que, longe de serem meros instrumentos externos de captura ou de reservatórios, ajudam a construir a noção de passado – tanto em termos das nossas vidas privadas, como da História no seu geral, actuando como meta-memória.

⁸ São ainda de considerar: a proto-memória, de nível inferior, que resulta em grande parte da interiorização dos hábitos e dos costumes (o andar de bicicleta sem cair, por exemplo) e, até mesmo, da socialização precoce durante a vida intra-uterina; a memória propriamente dita, de nível superior, que é essencialmente da recordação ou de reconhecimento, por convocação deliberada ou evocação involuntária, mas feita igualmente de esquecimentos.

Bibliografia

- Anderson, C. (2006) *The long tail. How endless choice is creating unlimited demand*, London: Random House.
- Anderson, P. (2007) "What is Web 2.0? Ideas, technologies and implications for education", *Joint Information Systems Committee (JISC)*, pdf, <<http://www.jisc.ac.uk/media/documents/techwatch/tsw0701b.pdf>>.
- Assmann, J. & Czaplicka, J. (1995) 'Collective Memory and Cultural Identity', *New German Critique*, Nº. 65: pp. 125-133, <<http://www.jstor.org/view/0094033x/ap020065/02a00100/0>>.
- Battelle, J. (2006) *The Search. Como o Google mudou as regras do negócio e revolucionou a cultura*, Cruz Quebrada: Casa das Letras.
- Bush, V. (1945) 'As we may think'. *The Atlantic Monthly*, Julho, pp. 101-108, <<http://www.theatlantic.com/unbound/flashbks/computer/bushf.htm>>.
- Candau, J. (1998) *Mémoire et identité*, Paris: PUF.
- Castells, M. (2002) *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, Vol. I - A Sociedade em Rede, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Catroga, F. (2001) *Memória, História e Historiografia*, Coimbra: Quarteto.
- Dijck, J. v. (2007) *Mediated memories in the digital age*, Stanford, California: Stanford University Press.
- Halbwachs, M. (1997 [1950]) *La mémoire collective*, Paris: Ed. Albin Michel.
- Hargittai, E. (2002) 'Second-Level Digital Divide: Differences in People's Online Skills'. *First Monday*, <http://firstmonday.org/issues/issue7_4/hargittai/index.html>.
- Keen, A. (2007) *The cult of the amateur. How today's Internet is killing our culture and assaulting our economy*, London: Nicholas Brealey Publishing.
- Landsberg, A. (2004) *Prosthetic Memory: The Transformation of American Remembrance in the Age of Mass Culture*, New York: Columbia University Press.
- Levy, D. & Sznaider, N. (2002) 'Memory Unbound: The Holocaust and the Formation of Cosmopolitan Memory', *European Journal of Social Theory*, Vol. 5, Nº. 1: pp. 87-106, DOI 10.1177/1368431002005001002, <<http://est.sagepub.com/cgi/content/abstract/5/1/87>>.
- Misztal, B. A. (2003) *Theories of social remembering*, Maidenhead, Reino Unido: Open University Press.
- Nora, P. (1989) 'Between Memory and History: 'Les Lieux de Mémoire'', *Representations*, Nº. 26: pp. 7-24, <<http://links.jstor.org/sici?sici=0734-6018%28198921%290%3A26%3C7%3ABMAHLL%3E2.0.CO%3B2-N>>.
- Nora, P. (Ed.) (1997) *Les lieux de mémoire: la République, la Nation, les France*. Paris: Gallimard.
- O'Reilly, T. (2005) 'What is Web 2.0. Design patterns and business models for the next generation of software', *O'Reilly (online)*, <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>.
- Robin, R. (2003) *La mémoire saturée*, Paris: Stock.
- Roediger, H. L.; Dudai, Y. & Fitzpatrick, S. M. (Eds.) (2007) *Science of memory: concepts*. Oxford, New York: Oxford University Press.
- Rossington, M. & Whitehead, A. (Eds.) (2007) *Theories of Memory: A Reader*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

- Surowiecki, J. (2004) *The wisdom of crowds: why the many are smarter than the few* London: Doubleday.
- Venkatesh, V. *et al.* (2003) 'User acceptance of information technology: Toward a unified view', *MIS Quarterly*, Vol. 27, Nº. 3: pp. 425-478, <<http://www.cis.gsu.edu/~ghubona/info790/VenkEtAIMIQ03.pdf>>.
- Winter, J. (2000) 'The Generation of Memory: Reflections on the 'Memory Boom' in Contemporary Historical Studies', *Bulletin of the German Historical Institute*, Nº. 27, <<http://www.ghi-dc.org/publications/ghipubs/bu/027/b27winterframe.html>>.

Alberto Sá é docente do Departamento de Ciências da Comunicação na Universidade do Minho. É doutorando em Ciências da Comunicação nesta mesma instituição, tendo em curso a investigação subordinada ao tema “Memória e informação nas redes. Arquivo e gestão de objectos digitais”, sob orientação dos Professores Manuel Pinto (U. Minho) e António Fidalgo (UBI).